

A Centelha



JORNAL DA ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA

Donativo Livre

EDIÇÃO ESPECIAL · MAIO/JUNHO · 2022

Milhões de refugiados, inflação
desenfreada, queda dos
salários, empobrecimento...

A GUERRA É UM GRANDE NEGÓCIO PARA OS CAPITALISTAS

Não te deixes enganar pelas suas mentiras!



A guerra imperialista na Ucrânia entra numa fase decisiva

Fora as tropas de Putin!

Fora a NATO!

Pela unidade internacionalista da classe trabalhadora contra a guerra e o militarismo!

Esquerda Revolucionária Internacional

A guerra na Ucrânia tomou-se o novo campo de batalha entre as grandes potências e os blocos imperialistas que disputam a hegemonia mundial. Tanto o regime capitalista de Putin, apoiado pela China, como os EUA e as potências europeias em declínio, agrupadas na NATO. Mas por detrás de toda a montanha de propaganda e desinformação escondem-se uma guerra pelo domínio do mercado mundial, dos fluxos de capital, das áreas de influência, das matérias-primas e das rotas comerciais.

Como marxistas revolucionários, condenamos a brutal invasão militar decidida pelo governo russo, cujos interesses neste conflito não têm nada a ver com a “desnazificação” da Ucrânia ou a proteção da população do Donbass. Isto não nos faz fechar os olhos à responsabilidade direta do imperialismo estado-unidense e da NATO, que decidiram prolongar a guerra e arriscar a devastação completa da Ucrânia.

Nos planos de Washington, o povo ucraniano não passa de carne para canhão num enfrentamento que já estava a ser preparado há muito tempo e que está a permitir, pelo menos até ao momento, garantir o servilismo da União Europeia, além de desferir um duro golpe na Alemanha para que esta rompa os seus laços económicos com a Rússia e a China. A classe dominante estado-unidense pretende manter a sua influência determinante no continente europeu a qualquer preço, e está a aplicar uma estratégia que conduz a um caos altamente imprevisível nos campos militar, económico e político.

A esquerda reformista capitula

À semelhança do ocorrido em 1914, é vergonhosa a capitulação da social-democracia europeia perante a NATO e o imperialismo estado-unidense e europeu. O caso do presidente espanhol, Pedro Sánchez, é paradigmático. Governando em coligação com o Podemos e a Izquierda Unida (Unidas Podemos), seguiu fielmente os ditames de Washington, incluindo uma viagem a Kiev para se encontrar com Zelensky e anunciar o maior envio de ajuda militar espanhola até à data. Esta posição é apoiada publicamente pela vice-presidente do governo espanhol, Yolanda Díaz, membro do Partido Comunista de Espanha (PCE) e cabeça de lista do Unidas Podemos para as próximas eleições gerais no Estado espanhol.

E tal como a social-democracia tradicional, também a nova esquerda reformista cedeu à propaganda ocidental, somando-se ao coro atlantista ou reivindicando, no melhor

dos casos, “negociações para uma paz plena e duradoura” entre as mesmas potências que nos trouxeram até aqui. É isto que se defende no manifesto lançado por intelectuais e dirigentes como Noam Chomsky, Pablo Iglesias ou Jeremy Corbyn.

Não denunciam os interesses imperialistas dos governos dos EUA e da Europa responsáveis por guerras que destruíram nações inteiras (Vietname, Iraque, Afeganistão, Líbia, Síria...) e que continuam a fazê-lo hoje (como no Iémen). Nem uma palavra para condenar o desprezível cinismo do belicista Biden — o mesmo que até recentemente era apresentado como o campeão do “progressismo” mundial — quando este fala de um conflito entre “democracia” e “autoritarismo”. Nem uma palavra a apelar à organização de mobilizações massivas para parar esta e todas as guerras reacionárias, toda a barbárie que está a ser cometida contra milhões de inocentes. Nenhuma oposição séria aos planos de ajuste e aos novos cortes sociais que se preparam sob apelos à “unidade nacional” e à “paz social”, e que empobrecerão centenas de milhões de pessoas enquanto enchem os bolsos dos grandes monopólios.

A dinâmica da guerra

Nas últimas semanas, pudemos ver como todas as tentativas de chegar a uma trégua, todos os contactos e telefonemas entre os dirigentes europeus e Putin, todas as mediações e, finalmente, as conversações de paz de Istambul — que pareciam indicar a possibilidade de se alcançar um acordo — voaram pelos ares. O próprio ministro dos Negócios Estrangeiros da Turquia, Mevlut Cavusoglu, apontou responsabilidades: “Depois da reunião dos Ministros dos Negócios Estrangeiros da NATO, tive a impressão de que... dentro dos estados membros da NATO, há quem queira que a guerra continue e que a Rússia seja debilitada.”

Tal como explicamos em materiais anteriores, a guerra na Ucrânia é só um elemento na batalha pela hegemonia mundial num contexto de crise orgânica do capitalismo. O imperialismo estado-unidense sofreu derrota atrás de derrota na última década, ao passo que a China irrompeu energicamente e estabeleceu-se como a potência económica mais influente em África, na Ásia, no Médio Oriente e inclusive em grande parte da América Latina. Este declínio dos EUA tornou-se evidente com o surgimento da pandemia — que já ceifou mais de um milhão de vidas estado-unidenses perante as 4.655 mortes da China — e deu um novo salto com a humilhante derrota militar e política dos EUA no Afeganistão.

Washington precisa imperiosamente de

se recompor e tentar recuperar parte do terreno perdido, começando pela Europa, que por agora foi capaz de subordinar à sua agressiva estratégia belicista. As contínuas declarações da administração de Biden contra o regime de Xi Jinping demonstram as suas verdadeiras intenções: os capitalistas dos EUA precisam de uma derrota decisiva de Putin para travar também a China. É por este motivo que boicotam qualquer tipo de acordo, aprofundando o terrível custo que o conflito já teve para o povo ucraniano: milhares de mortos, 7,1 milhões de deslocados internos e mais de 5 milhões de refugiados que deixaram o país, uma queda de 50% no PIB, 60.000 milhões de danos à infraestrutura...

Com a ofensiva no Donbass, a guerra entra numa fase mais decisiva e virulenta, de consequências imprevisíveis. Por um lado, o regime de Putin deixou claras as suas verdadeiras intenções: ganhar o controlo do sul e do leste da Ucrânia, dominando a sua principal área industrial e de mineração, além da sua única saída para o mar. A forma política na qual se materializaria esta anexação territorial imperialista ainda está por ver. Por seu turno, os EUA, a NATO e grande parte dos países europeus lançaram-se ao fornecimento de grandes quantidades de armas pesadas ao governo de Zelensky (tanques, artilharia, helicópteros, etc.) para deixar a Rússia atolada num conflito interminável.

As declarações do secretário-geral da NATO, Jens Stoltenberg, notando que a guerra pode durar “semanas, meses ou anos”, são eloquentes a este respeito. É uma posição à qual a Presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, se juntou com igual entusiasmo belicista: “Não há diferença entre armas pesadas e leves. A Ucrânia deve receber tudo aquilo de que precisa para se defender... Temos de fazer tudo o que pudermos para nos preparar para o fato de esta guerra poder durar meses e até anos, no pior dos casos”.

Muito estão a fazer para realizar o pior dos casos. A ajuda, tanto financeira quanto militar, recebida pelo governo de Zelensky em tão-somente um par de meses não tem igual: mais de 8.000 milhões dos EUA, 4.100 exclusivamente em ajuda militar, 2.900 milhões dos países europeus e outros 2.000 milhões do Banco Europeu de Investimento. São quase 15.000 milhões — o equivalente a 9% do PIB ucraniano! —, e podem chegar aos 24.000 milhões ao longo de 2022.¹

O pedido de Biden ao Congresso dos EUA para a criação de um “orçamento suplementar para manter o fluxo de armas e munições para a Ucrânia ininterruptamente”, assim como a sua reunião com as oito maiores empresas de armas dos EUA (Lockheed Martin, Raytheon, L3 Technologies, Boeing...) pedindo um aumento da sua produção de-

monstra até onde estão dispostos a chegar.

O carácter da “resistência ucraniana” e o anticomunismo de Putin

Zelensky e o seu governo são meros fantoches do imperialismo estado-unidense. A ideia de que estão a dirigir uma luta progressista pela libertação nacional da Ucrânia é uma fraude completa. O governo ucraniano, tal como todo o imperialismo ocidental, não se importa nem com o povo ucraniano nem com a democracia. Tudo é pura propaganda de guerra para ocultar os verdadeiros interesses em jogo.

Tal como explicámos, o aparelho de Estado e o exército ucraniano estão dominados por grupos de extrema-direita e neonazis — como o famoso Batalhão Azov — que foram integrados no seu seio após o triunfo da contra-revolução nas mobilizações do Euro-maidan, em 2013-14. Estes sectores foram a espinha dorsal do exército ucraniano durante os oito anos de guerra civil no Donbass, que causaram mais de 15.000 mortos, e foram denunciados por inúmeras ONGs como responsáveis por numerosos crimes de guerra e violações dos direitos humanos.

Desde o início da invasão russa, milhares de mercenários estrangeiros de extrema-direita disponibilizados por empresas militares privadas também engrossaram as fileiras do exército ucraniano. Como afirmou um ex-legionário espanhol que combate na Ucrânia: “Não vi aqui milícias civis armadas. O que há são empresas militares de muitos países (...) há polacas, suecas, dinamarquesas e, sobretudo, dos EUA.”

É esta a realidade da “resistência” ucraniana: um exército comandado, no campo de batalha, por chauvinistas e neonazis, com um Estado-Maior que se rege pelas indicações da inteligência estado-unidense e britânica, todos declarados inimigos dos trabalhadores e oprimidos da Ucrânia. A ideia de que os revolucionários devem apoiar estas forças pró-imperialistas em nome da luta pela “independência nacional ucraniana” é uma afronta ao internacionalismo de Marx e de Lenin.

A imagem que se cultiva de Zelensky como um democrata é outra mentira. Há poucas semanas, o seu governo aprovou por decreto a proibição de 11 partidos políticos, incluindo a Plataforma de Oposição pela Vida — com 43 deputados na Rada e quase 2 milhões de votos — e todos os partidos da esquerda ucraniana. Antes da guerra, os três partidos comunistas que existiam na Ucrânia já tinham sido proibidos e os seus militantes perseguidos, presos e mortos. As imagens de ciganos amarrados a postes, de prisioneiros russos executados ou torturados, de dissidentes ucranianos desaparecidos, mostram que as tropas russas não são as únicas a cometer crimes de guerra.

Nada disto pode justificar, sob nenhuma circunstância, os objetivos imperialistas do regime de Putin. Em declarações anteriores, analisámos pormenorizadamente a ex-

pansão agressiva da NATO no leste europeu e a ameaça real que isto significa para os interesses da Rússia. Sem retirar um átomo à importância desta estratégia provocatória de Washington que foi o gatilho para os eventos atuais, há que dizer que as declarações públicas de Putin são claras: Putin é um chauvinista grão-russo e um anticomunista declarado, que ataca o legado de Lenin e dos bolcheviques, a quem acusa de ter a “ideia criminosas” de reconhecer o direito à autodeterminação da Ucrânia e das restantes nações oprimidas pelo czarismo após a vitória revolucionária de outubro de 1917.

Putin e a oligarquia capitalista que o sustenta negam a existência da nação ucraniana, não tentam esconder as suas simpatias pelo passado imperial czarista e estabeleceram laços estreitos com a extrema-direita europeia, além de contarem com os serviços da unidade militar mercenária do Grupo Wagner. Estes fatos, por si só, desmentem a historieta da “desnazificação”.

Guerra, recessão e luta de classes

A escalada militar e o prolongamento da guerra estão a acelerar ao extremo as graves contradições que o sistema capitalista já sofria. O perigo de uma recessão e até de uma profunda depressão com consequências incalculáveis agrava-se de dia para dia. E no centro disto encontra-se o continente europeu e sua principal potência industrial, a Alemanha, que já está a pagar as consequências das sanções contra a Rússia.

Estas sanções, embora tenham atingido duramente a população russa, estão longe de ser decisivas.³ Desde o início da guerra, a Europa pagou à Rússia 40.000 milhões pelo seu gás e petróleo. Com o aumento dos preços do petróleo, Moscovo pode reduzir as suas exportações num tempo sem sequer perder receita, graças à aliança que a OPEP mantém. Mas a dependência e inter-relação da economia europeia e mundial com as matérias-primas russas vai muito além disto, afetando a produção de urânio enriquecido para as centrais nucleares europeias, também excluído de sanções, ou a produção de minerais essenciais para a indústria automóvel, como o níquel ou o paládio.

As notícias do suposto isolamento internacional da Rússia com as quais os “especialistas” e a comunicação social nos bombardeiam são um verdadeiro conto de fadas que ignora a mudança na correlação de forças ocorrida nas últimas duas décadas, fruto da ascensão da China como potência mundial.

O forte e decisivo apoio da China à Rússia dá a Putin um amplo espaço de manobra, e continuará apesar das ameaças dos EUA e do Ocidente. Assim se manifestava recentemente o Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros da China, Le Yucheng: “Não importa como se altere o panorama internacional, a China continuará a fortalecer a coordenação estratégica com a Rússia para uma cooperação benéfica para ambos, salvaguardando conjuntamente os interesses comuns de ambos os países (...)”

Assim se explica o desespero e a agressividade dos EUA e dos sectores mais atlantistas da UE, que exercem pressão para que se corte o mais rapidamente possível o fornecimento de gás e petróleo russos. Isto mergulharia a Alemanha, o motor industrial da Europa, numa severa recessão que poderia causar uma queda do seu PIB, em 2022 e

2023, de até 6,5%. Seria a maior recessão desde a Segunda Guerra Mundial, destruindo centenas de milhares de empregos industriais e tendo efeitos que se espalhariam por toda a economia. Nas palavras de Alfred Kammer, director do departamento europeu do FMI, “no pior caso, (...) poderia significar uma redução do PIB europeu de 3%.”

Por uma política internacionalista consequente

É difícil prever o rumo dos acontecimentos a curto prazo. O FMI já reduziu a sua previsão de crescimento global num ponto, deixando-a a 3,6%. Mas mesmo estas estimativas ficarão muito aquém da realidade se a guerra se prolongar e intensificar, ou se a Europa cortar repentinamente a importação de petróleo e gás russos. Por outro lado, a escalada da inflação, que é anterior à guerra, deu um novo salto e vai agravar-se nos próximos meses como resultado do aumento da especulação e do entesouramento por parte dos grandes monopólios. A guerra significa miséria para as massas, mas grandes oportunidades de negócios para os capitalistas. É o que estamos a ver!

O índice de preços de trigo e alimentos atingiu o recorde histórico no mês de março, acima de 2011, o que desencadeou a Primavera Árabe. A guerra está a acelerar o colapso das condições de vida da classe trabalhadora e das massas oprimidas em todo o mundo e está a preparar, de mãos dadas com esta crise, grandes convulsões sociais, levantamentos populares, insurreições e revoluções.

Como comunistas revolucionários, levantamos com clareza uma alternativa de independência de classe e internacionalismo que não cede aos interesses de nenhum dos bandos imperialistas, rejeitando a “união sagrada” com a burguesia do nosso próprio país e lutando sem concessões contra a paz social que tem por objetivo que nós, trabalhadores, paguemos os custos da guerra imperialista. Como disse Karl Liebknecht perante a carnificina de 1914: o principal inimigo está em casa!

Condenamos a agressão imperialista feita pelo regime de Putin, exigimos a retirada imediata das tropas russas e destacamos que a guerra também é responsabilidade do imperialismo estado-unidense, da NATO e dos governos europeus. Nenhum deles luta pela liberdade e independência da Ucrânia, mas antes pela defesa dos interesses espúrios das suas respectivas burguesias. A obrigação dos revolucionários é revelar e denunciar este emaranhado de interesses, os negócios e acordos podres dos governos capitalistas e os lucros obscenos que os grandes monopólios novamente obterão à custa do sofrimento do povo ucraniano e de uma maior exploração da classe trabalhadora mundial.

Seguindo o exemplo de Lenin, lutamos pelos direitos nacionais e democráticos da Ucrânia. Mas sabemos que só o impulso de uma ação revolucionária e socialista da classe trabalhadora, que rompa com todo o tipo de subordinação a qualquer um dos blocos imperialistas e que derrube o governo títere de Zelensky, poderá conquistar a autêntica libertação nacional e social da Ucrânia.

Ante o militarismo e a propaganda burguesa, ante aqueles que se resignam a implorar às potências imperialistas para que “dialoguem” e a fazer apelos vazios à diplomacia, afirmamos que a única forma de parar a guerra é a ação revolucionária da classe trabalhadora, a sua mobilização e a sua unidade sobre um programa internacionalista e socialista.



1. O FMI, instituição controlada pelos EUA que sempre impôs condições draconianas para financiar países em crise, declarou que a economia ucraniana precisa de 4.600 milhões de dólares por mês para se sustentar, e defende que a ajuda seja feita na forma de doações e não de empréstimos.
2. As empresas de armamento estado-unidenses e europeias viram um aumento do valor das suas ações entre os 15% e os 70% desde o princípio da guerra.
3. Parte do petróleo russo afetado pelas sanções dos EUA, Grã-Bretanha e Austrália — 1,5 de 3 milhões de barris, segundo a Agência Internacional da Energia (AIE) — foi absorvida pelos numerosos países que se recusam a aplicar sanções, como a Índia.

A Esquerda Revolucionária, a Livres e Combativas e a Fundação Friedrich Engels publicam

O MANIFESTO COMUNISTA

A Esquerda Revolucionária, a Livres e Combativas e a Fundação Friedrich Engels orgulham-se de apresentar uma nova edição portuguesa d'O Manifesto Comunista.

Escrito em 1848 por dois jovens de 29 e 27 anos, Karl Marx e Friedrich Engels, o Manifesto assinalou o início de uma nova era.

Em cerca de 30 páginas, estes jovens dissiparam todos os ideais religiosos e liberais que ainda dominavam o socialismo da época, ao qual chamaram utópico, e apresentaram ao mundo o socialismo científico. Em vez de imaginar uma utopia igualitária, trataram de analisar a sociedade atual, o capitalismo, com as suas classes sociais e contradições.

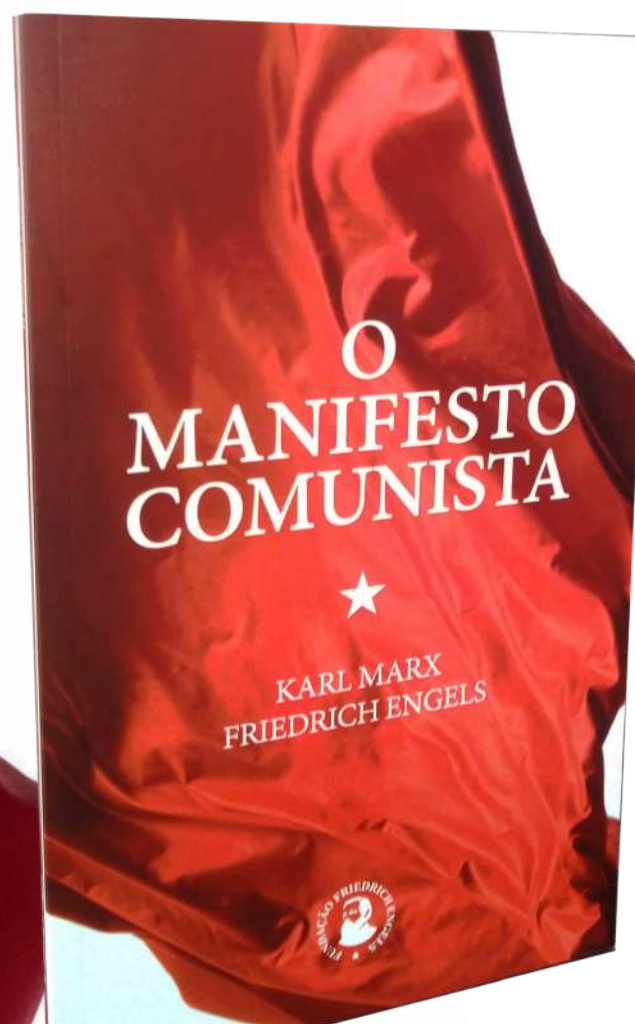
A partir dessa análise científica do capitalismo, O Manifesto apontou o caminho para um objetivo claro: o derrube do capitalismo com a tomada do poder pela classe trabalhadora. Isto valeu-lhe o ódio da burguesia até aos nossos dias e fez dele o livro mais sistematicamente deturpado e atacado não só pela classe dominante como igualmente por aqueles que pretendem adaptar-se ao capitalismo, reformá-lo ou torná-lo mais justo e humano em vez de o derrubar.

Hoje, com 174 anos, o Manifesto não só preserva toda a sua força como é mais relevante do que na data da sua publi-

cação original. A concentração do capital em cada vez menos mãos, a miséria para a maioria da sociedade, as crises económicas cíclicas, a disputa pelo mercado mundial e as guerras entre as burguesias imperialistas por cada palmo do mercado e cada fonte de matérias-primas, tudo isto caracteriza o século 21 muito mais fielmente do que o século 19. A própria luta de classes, realidade que os propagandistas do capitalismo se esforçam por esconder, mostra-se em país após país de forma inegável e cada vez mais explosiva.

Assumimos o compromisso militante de lutar pelas ideias do genuíno comunismo em Portugal. Esta edição do Manifesto Comunista, produzida a um preço acessível para os trabalhadores e jovens, é apenas o primeiro passo. Continuaremos o nosso trabalho com publicações marxistas de revolucionárias e revolucionários como Rosa Luxemburgo, Vladimir Lenin, Leon Trotsky, Alexandra Kollontai, James Connolly, Paul Lafargue e tantos outros que nunca foram publicados em português ou são hoje inacessíveis à vasta maioria dos trabalhadores e jovens.

Contacta-nos para receber a nova edição deste clássico e dar força às ideias do marxismo revolucionário!



**ESQUERDA
REVOLUCIONÁRIA**



Junta-te à ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA e constrói connosco as forças do marxismo internacional!

www.esquerdarevolucionaria.net • geral@esquerdarevolucionaria.net

[f @esquerdarevolucionaria.centelha](https://www.facebook.com/esquerdarevolucionaria.centelha)

[@esquerda.revolucionaria](https://www.instagram.com/esquerda.revolucionaria) [@EsqRev](https://twitter.com/EsqRev)